



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Daniel Astuti Estevanato

**ENCONTROS, DISTANCIAMENTOS E R-EXISTÊNCIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM PEDAGOGO**

Brasília

2022

Daniel Astuti Estevanato

**ENCONTROS, DISTANCIAMENTOS E R-EXISTÊNCIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM PEDAGOGO**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Brasília

2022

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

TERMO DE APROVAÇÃO

**ENCONTROS, DISTANCIAMENTOS E R-EXISTÊNCIAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO
DE UM PEDAGOGO**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UnB como requisito para a obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Defendida e aprovada em ____ de _____ de 2022

**Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Orientadora - Faculdade de Educação/UnB**

**Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva
Departamento de Métodos e Técnicas**

**Dr.^a Sheyla Gomes de Almeida
PPGE/GEPPE**

**Eneida Maekwa Lipai
Escola Associativa Vivendo e Aprendendo**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família. Agradeço-lhes por terem me acolhido em todos os momentos de minha vida, por terem estado do meu lado para o que quer que seja. Agradeço meus pais Alessandra e Paulinho por me ajudarem nos meus acertos e, sobretudo, por me ajudarem nos meus erros. Sem o carinho de vocês eu não seria. Agradeço à minha irmã Maria Teresa e meus irmãos Rafael e Samuel por me darem a graça de desfrutar de um lar divertido e fraterno. É muito bom ter vocês depois de todo dia, dia após dia. Agradeço à minha vó Zoé e meu vô Carlos por serem fortaleza, conforto e cuidado.

Agradeço à minha grande companheira Iasmin, que tanto me ensina sobre o amor, que tanto me ensina sobre levar as coisas pelo bem, sobre cultivar a paz. Você me inspira em tudo que você faz, o seu amor transforma.

Agora agradeço a todos e todas com quem eu todo dia escolho estar ao lado. Júlia, Larissa, Davi, Lucas, Lorena, Lenio e Bruno. Agradeço sempre a vocês por me permitirem experimentar o amor em comunidade, por me permitirem ser eu mesmo. Agradeço à Maria Clara e Bia que foram minhas companheiras de escrita. Mesmo que tardio, agradeço todos os dias pelo nosso encontro. Vocês me fortalecem nas coisas que só a gente entende. Agradeço também aos meus amigos com quem eu enfrentei uma pandemia. Victor, Eduardo, Pedro, Damany, Kevin e Bernardo, obrigarem pela companhia quando tudo parecia estar tão distante. O que a gente viveu vai ser sempre nosso.

Agradeço às minhas tias Renata, Regina, Cláudia e meu tio Carlinhos por sempre me darem todo seu amor. Saibam que eu estou o espalhando. Agradeço à minha madrinha e meu padrinho Carla e Cleto por todo papo cabeça e orientação, sou fã de vocês. Agradeço ao meu tio Rogério e minha tia Lili por serem sempre fonte de alegria. Agradeço aos meus primos João Paulo, Luísa, Ricardo, Alexandre, Fernando, Juliana, Laura, Rebeca, Davi, Sofia, Malu, João, Duda, Natália, Lucas, Mário. Vocês foram meus primeiros amigos e eu sou eternamente grato a vocês por me permitirem viver o dom da amizade.

Agradeço a todas as minhas companheiras e companheiros de universidade. Fernanda, Lívia, Lígia, João, Janaína, Bruna, Gabriel, Pétala, Bona. Graças a vocês que eu segui por esse caminho, graças a vocês que eu sorri por esse caminho, graças a vocês que eu tive quem me

consolasse por esse caminho. Vocês são minhas parceiras.

4

Agradeço a Fátima Vidal por todo o zelo que teve desde a primeira vez que a gente se viu. Sua parceria, seu cuidado, sua disposição salvaram a minha vida e eu sou infinitamente grato pelo nosso encontro.

Agradeço a Patrícia Pederiva e Alexandra Militão pelas excelentes professoras que são. A postura de vocês frente a educação me inspira, me potencializa. Agradeço a Blanca Nelly, Simón, Liz, Estebán e Juli que proporcionam r-existência nesse mundo. Agradeço também à Nona Daniela que me acolheu e foi casa quando eu mais precisava. Todas vocês não fazem ideia do bem que fazem.

Agradeço à Universidade de Brasília por ser um espaço que briga pela educação, que vai muito além da sala de aula. Agradeço à Faculdade de Educação e à Graduação em Pedagogia por me permitirem seguir o meu caminho e lutar pelo que acredito. Essas instituições têm extrema importância num mundo mais acolhedor, justo, plural, respeitoso.

Por fim, agradeço a Nossa Senhora de Aparecida e Nossa Senhora de Fátima, que tanto olham por mim nessas minhas andanças, que tanto me guiam rumo aos bons encontros, que tanto me fortalecem na tormenta. Sei que cuidam bem da minha tia Cláudia, que tanto me inspira a rir e espalhar a alegria nesse mundo.

*Dedico este trabalho a todas as
pessoas crianças, jovens, adultas e
idosas que se sentiram mal estando
em uma escola*

RESUMO

Este trabalho trata de analisar a formação educativa de um pedagogo, por meio de uma narrativa autobiográfica, na qual são abordadas temáticas pertinentes para que este educador pudesse se formar, como: formação apoiada no tripé universitário; educação *versus* escolarização; interculturalidade; experiências profissionais; formação em comunidade; educação afetiva. O trabalho segue uma narrativa e é apresentado em formato de artigo ensaístico. O primeiro capítulo traz questões conceituais que embasam essa formação, como: a crítica ao modelo de educação que temos (CALVO, 2013) (hooks, 2017). No segundo capítulo se trata da importância de uma formação universitária que se apoie numa formação diversa e passe pelos seus três pilares – ensino, pesquisa e extensão (SOUSA, 2021). Já no terceiro e quarto capítulo, estão relatos e análises sobre experiências de atuação docente, tanto localmente quanto internacionalmente, com discussões sobre interculturalidade (BARRETO, 2022) (RODRIGUES e AZEVEDO, 2021), modernidade (SIBILIA, 2012), colonialismo. No quinto e último capítulo, estão relatos e análises sobre a importância de uma formação que se apoie na comunidade (hooks, 2020) (REZENDE, 2022) (FREIRE, 2020) (VIGOTSKI, 2003). Nas considerações finais é trabalhada a importância da autonomia do universitário, da postura enquanto educador em atuação (FREIRE, 2020), e do compromisso com as infâncias (OLIVEIRA, 2021).

Palavras-chave: Formação docente. Extensão universitária. Educação transformadora.

ABSTRACT

This work analyzes the educational formation of a pedagogue, through an autobiographical narrative, in which pertinent themes are approached so this educator could be formed, such as: formation based on the university tripod; education versus schooling; interculturality; professional experiences; formation through community; affective education. The work follows a narrative and is presented as an essay article. The first chapter brings conceptual issues that support this formation, such as the criticism of the education model we have (CALVO, 2013) (hooks, 2017). The second chapter deals with the importance of a university education that is supported by a diverse formation, passing through its three pillars - teaching, research and extension (SOUSA, 2021). In the third and fourth chapters, there are reports and analyzes on experiences of teaching work, locally and internationally, with discussions on interculturality (BARRETO, 2022) (RODRIGUES and AZEVEDO, 2021), modernity (SIBILIA, 2012), colonialism. And in the fifth and final chapter are reports and analyzes about the importance of formation that is supported by the community (hooks, 2020) (REZENDE, 2022) (FREIRE, 2020) (VIGOTSKI, 2003). In the final considerations are the importance of the university student's autonomy, the posture as an educator in action (FREIRE, 2020), and the commitment to childhood (OLIVEIRA, 2021).

Keywords: Teacher training. University Extension. Transformative education.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	11
PARTE II – ARTIGO	17
INTRODUÇÃO	17
1. AFLUÊNCIAS E CONFLUÊNCIAS	18
2. NAVEGANDO O RIO DA UNIVERSIDADE	19
3. RECONHECIMENTO DO TERRITÓRIO	22
4. EXPANSÃO DO TERRITÓRIO	25
5. SOMOS PORQUE ESTAMOS SENDO, SOU PORQUE NÓS SOMOS	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS - TERRA À VISTA	29
REFERÊNCIAS	30

APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso encerra um processo de formação inicial no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB). Ele está organizado em duas partes: memorial educativo e perspectivas profissionais e artigo teórico.

No memorial educativo exponho minha trajetória na educação formal, com alguns relatos também sobre a educação além da formalidade. Assim, introduzo o tema principal deste trabalho, que parte justamente disso. No final dessa parte estão minhas perspectivas profissionais.

Já o artigo teórico se divide em seis partes, para tratar do tema principal deste trabalho: a formação educativa de um pedagogo/educador. No primeiro capítulo, trago o que casou teórica e praticamente com a formação educativa que eu buscava e o que me afastou dessa busca. A partir disso, o segundo capítulo se desdobra no tratamento do meu percurso na universidade, que se apoiou nos três pilares: ensino, pesquisa e extensão. O terceiro e o quarto capítulo tratam da experiência enquanto educador na prática, sendo o quarto construído a partir de uma perspectiva de intercâmbio. A quinta parte aborda a importância da comunidade na minha formação. E, na parte final, eu concluo o trabalho trazendo minha perspectiva sobre toda essa trajetória.

PARTE 1

Memorial Educativo

Eu me chamo Daniel Astuti Estevanato. Nasci em Brasília em julho de 1998, e resido nesta cidade desde então, apesar de já ter passado por diversos lugares. Sou o primeiro filho de quatro, de um pai e uma mãe carinhosos que zelam pelo bem estar da nossa família, assim como minhas avós e meus avôs também fizeram.

Sou crescido num núcleo familiar de seis pessoas, o que às vezes pode parecer algo difícil para os outros, mas sempre tivemos boa convivência. Considero também que minha criação se dá além desse núcleo, porque sempre estivemos próximos dos nossos outros parentes e também das amizades da minha mãe e do meu pai.

Ingressei na escola com apenas dois anos de idade, e nessa escola estudei até os catorze - da educação infantil até o ensino fundamental completo. Meus pais sempre optaram que eu estudasse em colégios católicos e, assim, no ensino médio fui para uma escola católica que era bem maior que a primeira escola que tinha estudado até então durante toda a minha vida.

Meu período da educação básica é marcado por momentos de grande felicidade, por estar perto de grandes amigos que conheci e cultivei, mas também por momentos de frustração e indignação que estão inseridos na rotina escolar. Os momentos de frustração e indignação serviram de combustível para que eu me envolvesse com o pensamento crítico. Assim, quando comecei a ter contato com teorias críticas da área das ciências humanas, principalmente no ensino médio, fui encontrando um lugar no conhecimento acadêmico que me contemplasse. Sou até hoje muito grato a minha escola por ter promovido espaços de discussão e construção do conhecimento que iam para além do currículo formal.

Inevitavelmente, ao concluir o ensino médio, optei por cursar uma faculdade de ciências humanas, e a escolha por Pedagogia não foi a primeira que veio a minha intenção, mas foi a que mais me deixou com o sentimento de que eu resolveria as questões que me indignavam e frustravam, e também de que eu estaria partindo de algo que seria rapidamente prático. Li o currículo de Pedagogia, as disciplinas, as ementas das disciplinas, comparei com as de outros cursos e tomei minha decisão. No primeiro semestre de 2016 ingressei no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Inicialmente, até cheguei a estudar para outro vestibular, ao mesmo tempo que fazia Pedagogia, mas não passou um mês e eu já estava imerso no curso.

Logo no meu primeiro semestre, tive contato com uma disciplina que me marcou

muito, por abrir terreno para o que seria a área que estudaria durante toda a minha graduação:

11

a área das pedagogias transformadoras. A disciplina era Perspectiva do Desenvolvimento Humano e a temática das pedagogias transformadoras não compõe a disciplina necessariamente, mas a professora a trouxe, por compreender que essas pedagogias tem uma abordagem diferente de como normalmente se vê o desenvolvimento humano sendo trabalhado nas escolas. Nessa disciplina eu encontrei o meu caminho, foi algo que me abriu portas que até hoje não se fecharam.

No meu segundo semestre, eu precisava cursar uma disciplina chamada O Educando com Necessidades Educacionais Especiais, entretanto por uma troca de horários que optei por fazer, acabei não sendo contemplado na turma que queria. Para minha sorte ouvi que uma professora havia aberto uma turma no período noturno, para contemplar os estudantes desse período, e então consegui me matricular nessa disciplina. Nesse ponto estão duas coisas significantes na minha trajetória: depois dessa disciplina decidi que cursaria Pedagogia no período noturno; e foi nessa disciplina que conheci a professora Fátima Vidal. Fátima me acompanhou e foi minha interlocutora durante todo o resto da minha trajetória. Ela também trazia nas suas disciplinas a perspectiva das pedagogias transformadoras, e também a questão da decolonialidade. Me encantei com seu trabalho e me interessei bastante pelos projetos de extensão que ela trabalhava. Depois de cursar a disciplina, decidi me juntar à ela na extensão universitária. Nosso encontro resultou numa relação de parceria professora-estudante, relação fundamental para que eu conseguisse chegar até o fim da minha graduação.

A extensão universitária foi o ponto-chave da minha graduação, em que tive o maior contato com a teoria e com a prática pedagógica engajada, contemplando o meu desejo de adolescente de desenvolver uma práxis pedagógica transformadora. No primeiro semestre de 2017, ingressei no projeto de extensão Diálogos com experiências educacionais inovadoras (Projeto Autonomia), e no meio desse semestre, no projeto Semillero Brasil. O Autonomia é um projeto de extensão que promove o diálogo entre a universidade e os espaços pedagógicos inovadores, frente ao que tradicionalmente se tem. Foi nesse espaço que tive contato com as instituições e pedagogias que eu desejava me envolver, foi quando eu vi que pedagogias engajadas aconteciam ao meu redor, em espaços públicos, privados, em organizações não governamentais, dentre outros. Pude observar o funcionamento desses espaços, acompanhar discussões sobre seus bastidores, sobre seus causos de rotina escolar, me envolvendo e me formando nessa área. Por sua vez, o Semillero é um projeto parceiro do Autonomia na extensão da UnB, e também um projeto inspirado nos semilleros da Colômbia (país em que surgiram

inicialmente) e Chile (país que a professora Fátima visitou e se inspirou para criar o projeto no

12

Brasil). Em seu nome, o projeto Semillero tem "Semeadores de Investigação (Semillero Brasil): Educação, Transformação e Alegria na Prática Docente" e o projeto se encarrega de ser um espaço formativo a partir desses conceitos e por meio da extensão universitária, com ligação com a comunidade não só local, como nacional e internacional. Foi nesse projeto que tive o meu contato mais profundo com a educação, enquanto ser humano e pedagogo em formação. Um dos pilares do projeto é a investigação crítica e alegre, instigando também a autogestão, que acontece internamente para o grupo componente do projeto e também externamente nas ações em espaços escolares, não escolares, em intercâmbios, em cursos feitos pelo projeto, em eventos acadêmicos ou comunitários, dentre outras ações. Foi onde eu criei os laços de amizade mais fortes da minha vida universitária e onde construí pontes com espaços nos quais eu viria atuar.

Também em 2017 foi quando eu comecei a trabalhar enquanto estagiário, em uma das maiores escolas do DF que trabalha com uma pedagogia convencional. Nesse espaço o meu trabalho era ser "olhos e ouvidos" das orientadoras educacionais e demais pessoas do topo da hierarquia escolar nos pátios, quadras e corredores do térreo dessa escola que tem 4 andares. Me senti contraditório ao trabalhar nesse espaço, por ser esse um espaço escolarizante e elitista. No início, isso me causou sofrimento, mas apesar do sofrimento, consegui me adaptar e tirar bons proveitos desse trabalho. Graças a esse estágio pude compreender como opera uma escola enorme como essa, - com centenas alunos (em torno de 1500 à época) do Ensino Fundamental 1 ao Ensino Médio - desenvolvendo-me profissionalmente, principalmente, na capacidade de se relacionar com tantas pessoas, desde crianças estudantes a funcionários idosos. E, apesar da contradição inicial, no fim eu avalio que consegui ser a transformação e alegria que pretendo ser, mesmo enquanto educador fora de sala de aula.

No começo de 2018, antes do semestre letivo da UnB começar, eu decidi fazer um intercâmbio para fazer trabalho voluntário em Córdoba, na Argentina. Lá eu trabalhei enquanto educador de crianças e bebês numa creche na periferia da cidade. Foi uma experiência muito significativa na minha formação por ter sido o meu primeiro contato enquanto pedagogo em formação com um país latino-americano. E se a escola que eu trabalhava antes era enorme e elitista, essa creche era pequena e atendia a população menos favorecida socialmente. Após dois meses fora, voltei para o Brasil no início do semestre universitário, e nesse semestre tive a experiência educativa mais importante da minha formação.

De março até dezembro eu acompanhei o primeiro ano de existência de uma escola

classe no Paranoá (DF), desde seu início até o final de seu primeiro ano letivo. Trata-se de uma

13

escola pública que se propunha a ser uma comunidade de aprendizagem, que em vez de salas de aula fixas, tem espaços de aprendizagem separados por áreas do conhecimento. Uma proposta totalmente inovadora dentro do cenário da educação pública do DF, que se baseia no Currículo em Movimento da Secretaria de Educação do DF, utilizando-o como ferramenta transformadora frente ao conservadorismo pedagógico. Nessa escola, ocorreu a integração entre a ação de extensão do projeto Semillero com o meu estágio obrigatório. Durante o ano letivo fomos coinvestigadores em projetos de investigação interdisciplinares, cujo as temáticas foram decididas pelas crianças por meio de assembleias. Trabalhar como educador, extensionista e estagiário nessa escola foi uma das experiências que mais cativaram em toda minha vida, ressignificando não só a minha relação com a educação, mas a minha existência.

Na metade de 2018 por meio do Semillero pude participar de uma apresentação de trabalho na III Bienal Latinoamericana e Caribenha de Infâncias e Juventudes que ocorreu na cidade de Manizales, na Colômbia. Aproveitando a viagem para a Colômbia, fizemos um intercâmbio com o Semillero Akará em Medellín. Foi um importante processo na minha formação, não só por reforçar os laços de amizade com o grupo do Semillero Brasil e também com o Semillero Akará, mas por estar vivendo e conhecendo práticas e teorias pedagógicas e educacionais produzidas por latinoamericanas e comprometida com o povo latinoamericano.

Ao final de 2018 comecei a trabalhar num espaço de contraturno escolar, que se propõe ser um espaço de brincar livre, de exploração da cidade, de cultivo do olhar investigativo e criativo, da autogestão e de vivências democráticas no cotidiano, por meio de uma mediação afetiva e acolhedora. Trabalhei nesse espaço até o momento em que iniciei a escrita deste trabalho, e esse espaço tem um papel importante na minha formação por ser um espaço não-escolar, o que diferencia minha perspectiva enquanto educador frente aos trabalhos que normalmente se tem na área da Pedagogia. Além disso, os princípios desse espaço buscam promover uma transformação social para relações mais afetivas, respeitadas, verdadeiramente democráticas, e de exploração e ocupação de espaços da cidade que comumente são negados às infâncias.

Em 2019 tive a oportunidade de desenvolver uma pesquisa sobre o processo experienciado na escola do Paranoá em 2018 por meio do Programa de Iniciação Científica da UnB, sob a orientação da professora Patrícia Pederiva. Foi um processo que me permitiu teorizar a prática vivida no cotidiano pedagógico, e o fazendo de maneira afetiva, reflexiva e crítica.

Para além da pesquisa, meu ano de 2019, enquanto pedagogo em formação foi marcado pela continuidade dos trabalhos em espaços de contraturno, em que foram realizados belos ciclos investigativos, que abarcaram desde uma produção de filme que surgiu de uma brincadeira de conto de fadas, ao estudo do magnetismo, por conta de um brinquedo de ímã que fazia parte do espaço.

Em 2020 veio a pandemia do coronavírus e com ela estive afastado dos trabalhos com a extensão e dos trabalhos profissionais, e passei os anos de 2020 e 2021 apenas cursando as disciplinas da graduação universitária. Esse foi o momento de maior dificuldade que enfrentei em toda a minha graduação e de minha vida. Estar isolado e afastado foi desolador, e no final de 2021, ter voltado a trabalhar e socializar foi algo que me reanimou.

Em 2022 trabalhei enquanto estagiário na Escola da Árvore, uma escola situada numa Área de Proteção Ambiental, que tem como proposta uma pedagogia contra-hegemônica, com os eixos natureza, movimento e diversidade guiando todas as relações presentes na escola. Foi um espaço enriquecedor na minha formação, por ser uma escola que promove o comprometimento com mudanças sociais mirando uma sociedade mais equânime, desde as micro-relações às macro-relações.

Atualmente trabalho numa academia de escalada esportiva na Asa Norte enquanto estagiário do programa *kids* da academia, que fornece aulas de parkour, circo e escalada para as infâncias, tendo como pilares o respeito, segurança e cuidado, diversão e comunidade. É um espaço em que eu me sinto muito bem enquanto educador e enquanto pessoa, pois consigo conciliar interesses profissionais e pessoais.

A partir dessas experiências vividas e refletidas, surgiu a temática do ensaio que apresento neste tcc: como é a formação educativa de um educador. Partindo de questões do meu contexto, trago numa narrativa autobiográfica um artigo sobre minha constituição enquanto pedagogo, abarcando a formação universitária, experiências profissionais e demais relações.

Minhas perspectivas futuras a curto e médio prazo são continuar trabalhando com educação em qualquer espaço que seja, sempre promovendo encantamento, autonomia, liberdade, responsabilidade, afetividade, engajamento e criticidade. Cogito ingressar em uma segunda graduação, ou fazer pós-graduação, ambos na área da Educação. Chego a esse fim de ciclo muito orgulhoso de ter me transformado, de ter transformado espaços, de ter acompanhado transformações, com a crença freiriana de que o inédito é viável, de que uma educação mais amorosa é viável, de que as relações responsáveis consigo mesmo, com os outros e com a sua

comunidade são viáveis.

PARTE 2 - Artigo

Introdução

O presente texto trata de um trabalho de conclusão de curso referente à graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB). Por se tratar de um curso de Educação, o objetivo principal aqui será relatar e analisar, a partir de uma narrativa autobiográfica, como pode se constituir a formação educativa de um pedagogo. Ao tratar de formação educativa abordaremos principalmente a educação formal, mas também consideraremos a educação que ocorre de maneira mais natural e espontânea no ciclo de vida.

Essa perspectiva tem a ver com meu intuito ao entrar no curso de Pedagogia, que sempre foi analisar e estudar a fundo como os processos educativos ocorrem em nossa sociedade. E muito disso está relacionado com a intenção de transformar a educação formal, que comumente afeta diretamente todas as pessoas do Brasil, - ou ao menos deveria, como garante a constituição federal. Esse desejo de transformação parte, primeiramente, de um sentimento de revolta e mágoa ao experienciar a vida escolar enquanto aluno. No ensino médio, tive contato com teorias mais críticas em relação à maneira que as escolas tradicionalmente operam e isso desaguou na opção pela graduação de Pedagogia. Portanto, agora, concluindo essa graduação, eu venho refletir sobre como se formou e continua se formando este pedagogo/educador.

O texto tem uma inspiração clara em bell hooks, sobretudo no seu livro *Ensinando a Transgredir* (2017), não só pelas temáticas que a autora aborda, mas pela maneira como ela faz isso. A autora parte de episódios de sua trajetória de vida para então aprofundar-se em discussões acerca de como a educação opera na sociedade contemporânea. Assim, optando também por essa estratégia autobiográfica, eu escreverei este texto.

A organização parte da pergunta geral: como se constitui a formação educativa de um pedagogo? E trará temáticas que ajudarão a discutir essa pergunta, como: educação *versus* escolarização; o trajeto universitário na graduação em Pedagogia; a formação feita em comunidade e pela amizade; a educação como um processo motivacional; a importância da pluralidade na formação acadêmica; e a valorização e desvalorização do estagiário em educação.

Para fazê-lo optei por autoras e autores que inspiram minha formação não só no que escrevem, mas também na conduta de vida que adotaram para si. Que são: bell hooks, Fátima

Sibilia, João Barreto, Janaína Azevedo, Maria Clara Oliveira. Muitas dessas pessoas foram e são diretamente meus pares de trabalho e não conseguiria pensar educação se não fossem os bons encontros que tivemos durante essa trajetória.

Para tanto, o trabalho se desdobra em seis partes, diretamente vinculadas às temáticas surgidas a partir da pergunta principal desse artigo.

1. Afluências e Confluências

Começando do começo, entrei no curso de Pedagogia em busca de uma mudança social, e com a intenção de alcançá-la por meio da educação. Todavia, ao estar cursando uma faculdade eu estaria presente no contexto educativo não só enquanto educador, mas também enquanto educando. Nisso, deparei-me com diversas práticas que iam de encontro à minha intenção, e com outras que se distanciaram dessa intenção. E assim fui entendendo que estar em educação é lidar com esses movimentos de transformação e de manutenção.

Por motivos práticos e para proporcionar melhor entendimento ao leitor, trago uma primeira conceituação que estará presente em diversos momentos deste texto para tratar dessas práticas que se aproximaram da minha primeira intenção (educação) e das que se distanciaram da minha intenção (escolarização).

Quando tratarmos de escolarização e educação, será primordialmente baseada na discussão conceitual filosófica feita por Carlos Calvo em *Del Mapa Escolar al territorio Educativo: diseñando la escuela desde la educación* (2013), livro no qual o autor coloca as maneiras como as escolas têm buscado educar não pela educação, mas por uma simulação dela. Os argumentos dessa conceituação partem de uma analogia em que a educação acontece a partir das relações que as pessoas têm entre si e que têm com o território em que elas experienciam a vida, e nisso se constituem e se apoderam de conhecimentos. O que a escola tem feito, principalmente desde sua massificação na era moderna, é simular essas experiências, ou seja, tem distribuído mapas sobre esses territórios, em vez de trabalhar nesses territórios. Para isso, são necessários mecanismos que possibilitam essa simulação, que são a previsibilidade, a ordem e a disciplina, a relação autoritária, linear e rígida, a pedagogia da resposta, a busca por ser completo (CALVO, 2013). Enquanto a educação é um processo não linear, que ocorre de maneira imprevisível por meio da possibilidade e de maneiras diversas não por meio da

maneira imprevisível, por meio da possibilidade e de maneiras diversas, mas por meio da aculturação e transmissão de conhecimento e costumes, mas por meio da construção desses,

18

num processo de enculturação que permita mudanças. A educação é um processo orgânico, que acontece na relação com os nossos pares de maneira menos linear e mais circular, a partir da incompletude e da pergunta como premissas para a aprendizagem e para a constituição das subjetividades. É isso que traremos quando falarmos de escolarização e de educação. Essa dicotomia permeou toda a minha trajetória enquanto pessoa em graduação em Pedagogia, e por isso a importância de trazer essa ótica logo cedo.

Além disso, outro dos pensamentos que me inspira a realizar este trabalho é o de bell hooks (2017, p. 83-105) quando a autora traz seu relato de chegada à teoria, o teorizando. E ela o faz, pois foi por esse meio que ela pôde encontrar uma maneira de fazer as suas feridas serem curadas, refletindo criticamente sobre as vivências, gerando uma teoria que combata os processos que levaram a essas mágoas, uma teoria que vem da prática, para apoiar uma prática de transformação, engajada com o seu contexto social. Portanto, percebi que, apesar do meu primeiro combustível para a graduação em Pedagogia ter sido a ira, a raiva, a vingança com as experiências que eu tive inserido na escolarização, a minha intenção não era fíndar nesses sentimentos destrutivos, mas sim, a partir da cura, semear esperança, encanto, transformação.

Para realizar tal intenção, minha constituição enquanto pedagogo se apóia no tripé universitário de ensino, pesquisa e extensão, em que uma coisa acaba por levar a outra, em que a teoria reflete sobre a prática ao mesmo tempo em que a prática reflete sobre a teoria. O caminho trilhado se iniciou pelo ensino, e por meio do ensino conheci a extensão que desaguou em pesquisa.

2. Navegando o rio da universidade

É no ensino, o primeiro pé desse tripé, que se é introduzido à graduação. Inclusive o único eixo que o universitário é obrigado a passar é pelo ensino. E neste eixo tive experiências variadas, devido à variedade de disciplinas e de vertentes que cada disciplina pode ter. O ensino foi onde pude ter um contato mais aprofundado com a questão teórica da universidade, com discussões e debates universitários, com o pensamento crítico. E foi também onde tive meu primeiro contato com a comunidade externa, devido aos trabalhos de campo, além da pesquisa científica, que derivava dos trabalhos de campo e das discussões teóricas construídas em sala

de aula.

19

No meu primeiro semestre, pude me deparar com uma professora que abordava em sua disciplina de desenvolvimento humano perspectivas pedagógicas mais transformadoras. Para mim, recém-saído do ensino médio, essas perspectivas serviram de afago diante aquele sofrimento que as pedagogias convencionais, de resultados, trouxeram a mim e a diversos outros alunos nos anos de escolarização. Foi como chegar em casa exausto, depois de um dia estressante e encontrar um jantar especial te esperando, te lembrando que apesar de tudo ainda existem caminhos que não esses da exaustão, do estresse.

E descobrir que existem outros caminhos que acontecem cotidianamente, da mesma maneira que acontecem os caminhos convencionais da educação básica, foi algo que mudou as minhas relações dali em diante. Eu precisava me curar do porquê a escolarização acontecer assim, eu precisava entender o porquê dos professores serem desumanizados e serem desumanizantes com os alunos, eu precisava me curar da escola me colocando em competição com meus amigos, meus parceiros do dia a dia. Para entendê-los eu parti desse primeiro contato nessa disciplina, mas segui caminhando em busca de mais insumo para solucionar essa situação.

Entretanto, nesse percurso existiam algumas afluências. E já no meu segundo semestre ocorreu um dos momentos que mais me marcou nesse sentido. Uma colega tinha um filho bebê e para conseguir cuidar do seu bebê ela precisava levá-lo às aulas. O professor da disciplina que eu e a colega cursamos juntos, um certo dia disse para ela que era melhor que ela trancasse a disciplina - que é componente obrigatório para a graduação - do que ela aparecer nas aulas com o bebê. Para mim, esse foi o maior indício de seu autoritarismo. hooks (2017, p. 56) comenta que para garantirem a segurança de que suas aulas sejam dadas os professores optam por imporem silêncio para que eles ministrem suas aulas-palestras. Porém, também nessa disciplina eram comuns os momentos em que o professor fazia sua exposição e depois se dirigia aos estudantes fazendo perguntas, que raramente eram respondidas, ou eram respondidas de maneira simplória sem gerar uma conversa comovente, gerando um clima constrangedor. Do ponto de vista desse professor, ser autoritário e indiferente lhe garantiria que sua aula seria dada, que seus conteúdos seriam passados, mas estar nesse ambiente silencioso não era sinônimo de que aquele era um ambiente de aprendizagem. Se parecia muito mais com um ambiente de medo, em que as pessoas temiam participar, que não se identificavam a ponto de querer se envolver em qualquer conversa com esse professor.

Por movimentos curiosos da vida, nesse mesmo semestre foi quando tive contato com a professora que é interlocutora deste trabalho e que foi com quem desenvolvi uma parceria frutífera durante toda a graduação. Ela ofertou nesse semestre uma disciplina também obrigatória, num horário que até então não se ofertava essa disciplina, mas ela o fez para atender estudantes que têm responsabilidades além da faculdade - como a colega mãe do bebê. A postura da professora ao lecionar a disciplina era de acolhimento, não de confronto. Ela buscava sempre o diálogo com a turma para saber sobre como estavam lidando com os conteúdos passados, inclusive se dispondo a ter momentos individualizados com cada estudante para conversar sobre os textos que se demonstravam mais complexos. A organização do espaço da sala era sempre circular, para que cada pessoa pudesse olhar o rosto das demais pessoas. Além de cumprir a ementa curricular dessa maneira mais circular e menos linear, era comum a professora se dispor a conversar e até orientar estudantes com assuntos que iam além dessas aulas específicas. E nisso ela falou de dois projetos de extensão que ela coordenava na Faculdade de Educação, chamados Autonomia e Semillero Brasil.

Esses projetos buscam justamente ser uma alternativa a esses espaços que têm uma tendência mais escolarizante na faculdade. Buscam ser espaços de educação transformadora, que transformam por meio do coletivo, da relação da universidade com a comunidade externa, da relação afetiva e respeitosa entre seus pares, sendo espaços de diálogos acolhedores, para que essa conduta se espalhe nos ambientes de educação formal e não formal em que participantes dos projetos atuem. Por meio do ensino, do contato por acaso com essa professora nessa disciplina, eu cheguei em dois projetos de extensão que se aproximavam da minha intenção.

Esse momento de ingresso nos projetos de extensão Autonomia e Semillero foi um momento chave da minha formação. Se eu não tivesse os encontrado, muito provavelmente eu não estaria escrevendo este trabalho, pois teria desistido do curso. Isso, por ter sido nesses projetos que eu pude ter um contato mais estreito com a educação que tratamos aqui. A partir deles, eu pude ter contatos com várias experiências educativas do Distrito Federal, do Centro-Oeste, do Brasil, da América Latina e do mundo. Foi também nesses projetos que eu desenvolvi minhas maiores amizades na universidade, que me acompanharam durante toda minha graduação e também na minha vida profissional, construindo uma verdadeira parceria de vida. Por isso, gostaria de destacar a extensão universitária e o que eu experienciei com essa.

A extensão universitária está colocada enquanto indissociável do ensino e da pesquisa, sendo na extensão onde está a relação mais próxima entre a universidade e a comunidade. Acerca disso, Souza (2021) nos coloca que a extensão cumpre um papel de lapidar a relação que a educação tem com a vida, considerando que educação e vida se distanciaram por conta da monopolização educacional gerada pela escolarização. Sendo assim, a extensão não cumpre um papel apenas de ser o espaço onde se coloca em prática o estudado na universidade, mas sim onde se experiencia a vida, não somente enquanto universitário, com a comunidade, mas numa relação onde a universidade - representada pela figura do extensionista - e a comunidade se retroalimentam. Atrás de uma formação além dos textos, além dos muros e além das aulas expositivas, a extensão permite estar no território e se relacionar com tudo que isso envolve.

No percurso do meu primeiro ano de extensionista estive primariamente acompanhando as reuniões colegiadas desses dois projetos, e essa ação, mesmo que básica, permitiu-me acompanhar ações formativas, reuniões de professores de escolas diversas, reuniões de organização de eventos acadêmicos e acompanhar o surgimento de uma nova escola da rede pública de educação do Distrito Federal. Sobre essa nova escola trataremos mais adiante no texto. Agora trago uma experiência profissional que aconteceu em paralelo a esse meu primeiro ano de extensionista.

3. Reconhecendo o território

Meu primeiro contato com espaços de educação formal enquanto pedagogo em formação - estagiário - foi em uma escola das mais tradicionais do DF, localizada na Asa Norte, uma das regiões mais nobres de Brasília. Amplamente reconhecida pelo imenso número de alunos que tem (mais de 1500 na época), por ter diversas turmas desde a educação infantil até o ensino médio, essa escola provava seu prestígio em conseguir aprovar uma considerável porcentagem de seus estudantes nas mais reconhecidas universidades do país. Uma escola com uma infraestrutura moderna, que inclusive me remete a edifícios de grandes centros empresariais da região, e que carrega consigo ideais modernos - não no sentido de inovação, mas no sentido do movimento político-filosófico que surgiu no século XV.

Paula Sibilía (2012) no livro *Redes ou Paredes* nos coloca que a escola é uma

tecnologia de época, assim como outras instituições também são, e ganhou relevância na era

22

moderna. A escola foi vista como o meio que viabilizaria a construção do Estado moderno, como o local em que um único idioma seria aprendido, como idioma pátrio, e por meio desses se passariam as tradições culturais unificadoras que constituem o imaginário das nações modernas. E a ferramenta usada para tal objetivo da escola foi a disciplina, que Kant - um dos mais notórios expoentes do iluminismo - viu como a ferramenta que transformaria a animalidade em humanidade. Para ele, “assim se explicitou a função básica da instituição escolar, então em seus primórdios: humanizar o animal da nossa espécie, disciplinando-o para modernizá-lo e, desse modo, iniciar a evolução capaz de convertê-lo num bom cidadão” (KANT, *in*. SIBILIA, 2012, p. 18).

Apesar de ter passado muito tempo desde o iluminismo e das diretrizes dadas por seus expoentes, na escola ainda presenciamos que muitas vezes o principal enfoque é disciplinar os alunos, para que só quando alcançado o ambiente totalmente disciplinado se possam trabalhar conteúdos, competências, habilidades e demais aspectos. E nessa escola não foi diferente. Quando fui fazer a minha entrevista de emprego, a orientadora educacional me disse que eu teria de ser os “olhos e ouvidos” dela e das outras de mesma função que ela. Eu fiquei um bom tempo pensando o que isso realmente queria dizer, mas essa ordem era autoexplicativa. Eu estava sendo contratado, enquanto estagiário de Pedagogia, para vigiar os estudantes quando os professores de sala de aula não estivessem fazendo-o.

A função desse cargo se distanciava da intenção que eu tinha inicialmente ao ingressar em Pedagogia, e não só essa função como também a escola em si. Mas eu queria trabalhar com educação, e tomei essa oportunidade como um meio de conhecer o sistema tradicional na figura de educador, ao invés de educando. Os primeiros dias não foram fáceis, eu diria que levou um mês para eu me adaptar, e adaptado eu segui nessa escola até o fim do ano letivo. Entretanto, eu estava adaptado para trabalhar num contexto que não era um contexto que me agradava, era um contexto que se aproxima muito mais de escolarização, do que de educação. E, por conta disso, vivi algumas situações contraditórias.

Um episódio que me remete bastante a essa função ocorreu no final de um dia letivo comum, naquele momento em que as crianças estão esperando algum responsável buscá-las na escola. Para passar o tempo, muitas crianças acabam brincando e haviam crianças brincando no parquinho da escola. Eu as vi brincando lá e continuei o meu caminho encarando que aquela

situação era normal, afinal de contas as crianças não estavam mais em horário de aula, logo

23

estavam com tempo livre. Esse parquinho da escola fica localizado nos fundos, após o prédio principal, após o auditório e atrás das quadras cobertas, e é destinado ao uso das crianças do Ensino Fundamental I. As crianças que lá estavam eram do sexto ano do Ensino Fundamental, ou seja, estavam no seu primeiro ano no Ensino Fundamental II. Um funcionário da escola as viu brincando lá e recomendou que eu as convencesse a sair de lá. Eu não concordava com essa ordem, afinal de contas eram crianças brincando no parquinho em seu tempo livre, mas eu tinha de cumpri-la. Fiquei cerca de vinte minutos conversando com as crianças que aquele parquinho era reservado às crianças que estão no máximo no quinto ano do Ensino Fundamental, elas me respondiam que até o ano anterior brincavam todos os dias naquele parquinho, eu respondia dizendo que apesar disso esse espaço não pertencia mais a elas. Foi uma mediação extensa e com argumentos certos nos dois lados, entretanto eu precisava cumprir a função que um fui designado a cumprir e, por insistência minha, as crianças saíram do parquinho. Apesar de ter cumprido a minha função eu não me sentia bem, eu me sentia envergonhado, entristecido, contrariado, pois eu havia limitado crianças de brincar num espaço em que elas gostavam. E essas sensações, essas situações foram rotina de meu trabalho nessa escola, e são rotina em uma escola que tem como intuito disciplinar seus estudantes.

Mesmo com situações como essa presentes na rotina do meu trabalho, esse foi um território importante para que eu conhecesse o sistema tradicional de educação, tão escolarizante, por dentro. Tomei essa experiência como munição para me aproximar da minha intenção. Beatriz Rezende (2022) traz, com Paulo Freire, que esses movimentos que nos suscitam desesperança, como proibir crianças de brincarem no parquinho em seu tempo livre, na verdade alimentam a esperança que temos na educação, pois ao nos depararmos com essa situação e sentir vergonha, tristeza, contradição mostra que apesar da desesperança ser semeada, não estamos indiferentes ao que acontece, ainda temos a nossa indignação perante a situações não-lógicas, a situações que pregam o desamor. Isso não se perdendo em pura raivosidade mostra que ainda temos esperança ao acreditar em um território educativo diferente, capaz de transformar essas relações.

Chegado o final do ano letivo saí de férias que, apesar de eu ainda ter mais um ano de contrato vigente, não foram férias remuneradas. Na verdade, meu contrato foi suspenso durante o período de férias escolares, e quando o outro ano letivo iniciou eu fui convidado para voltar às atividades nessa escola. Se eu era um profissional querido nessa escola, por que eu não pude

gozar do meu direito a férias remuneradas? Esse processo se conduziu de maneira

24

constrangedora, pois quando o contrato foi suspenso no fim do ano letivo, eu não fui informado formalmente que seria, e tampouco que eu seria chamado para retornar no ano seguinte. Sendo assim, comecei a planejar o meu ano, desconsiderando essa escola e decidi que iria para a Argentina em Janeiro de 2018, para trabalhar voluntariamente numa ONG internacional que promove esses intercâmbios voluntários profissionais. No exato momento que eu estava embarcando no avião do Brasil para a Argentina a minha então ex-chefe me ligou chamando para retornar ao trabalho na escola. Recusei, por motivos óbvios.

4. Expansão do território

Esse intercâmbio para a Argentina¹ foi o primeiro de alguns que eu fiz durante a minha graduação. Na verdade, não sei dizer se foi exatamente o primeiro, pois no projeto Semillero recebemos intercambistas visitando Brasília e a UnB, nessa mesma época, mas foi o primeiro em que eu estive na figura do visitante.

João Barreto (2022) - que foi meu parceiro de semillero e graduação - refletindo sobre os intercâmbios formativos promovidos pelo Semillero Brasil, coloca esse tipo de experiência justamente como uma forma radical de nós pedagogas e pedagogos experienciarmos a diversidade e a diferença, e que nessa alteridade radical, no distanciamento de nós, acabamos por nos reconhecer mais e mais, catalisando e potencializando processos que cultivam uma relação respeitosa com as outras pessoas. Ao partir para outro país, para morar na casa de outras pessoas, vivendo uma nova rotina nos distanciamos da nossa pessoa-território para viver essa nova realidade².

Vivemos num dos maiores países do mundo, que faz fronteira com diversos países que passaram por processos de colonialidade semelhantes aos que nosso país passou, mas sabemos tão pouco desses países que são nossos vizinhos, ao mesmo tempo que sabemos tanto dos países europeus que nos colonizaram e dos estados-unidenses que nos colonizam atualmente. Quando formos tratar de colonialidade usaremos a definição de Palermo trazida por Vidal e Azevedo (2019, p. 50, in 2021, p. 198-9) em que a colonialidade é “uma forma de organização e de gestão

¹ Não foi promovido diretamente pelo Semillero Brasil, mas o fiz extremamente influenciado por esse eixo de trabalho desse projeto de extensão.

² Vale menção ao trabalho "Semillero Brasil: experiências de formação, práticas de resistência e reconhecimento

... vale menção ao trabalho "Semillero Brasil: experiências de formação, práticas de resistência e reconhecimento das infâncias", escrito em 2018 pelo semillero e sintetizado por Rodrigues, Gomes de Sá, Rocha e Estevanato (2018).

25

que regula a vida em todas as suas esferas, controlando a economia, a autoridade, o gênero e a sexualidade, a natureza e seus recursos, as subjetividades, incluída a etnicidade, e as formas de conhecer". Buscando romper com esses traços de colonialidade, que inclusive o Brasil tem com seus países vizinhos, fui nesse meu primeiro intercâmbio.

Apesar de toda a rivalidade que a narrativa colonial tenta emplacar, sobretudo por meio do futebol, me deparei com um país de gente muito acolhedora e solícita com meu eu-brasileiro. E também me deparei com um país que passa por problemas muito similares aos do Brasil em questões sociais. Fui para lá, sobretudo, para trabalhar por seis semanas numa creche que atendia filhos de mães-solo que estavam em situação de vulnerabilidade durante o dia, e que a noite servia refeições para a comunidade ao seu redor. Era período de férias escolares, então algumas crianças que estariam na escola iam para essa creche, pois não tinham onde ficar, por não poder acompanhar suas mães durante o dia. As crianças tinham de 1 a 6 anos, sendo a única criança de 6 anos neta da idealizadora da creche e filha de uma das cuidadoras.

Pude acompanhar durante as reuniões colegiadas dos projetos de extensão Autonomia e Semillero um espaço parecido com essa creche, quando os projetos acompanhavam uma creche na Estrutural, Distrito Federal. Entretanto, acompanhar reuniões e reflexões sobre um território é muito diferente de experienciar esse território. Estar enquanto educador nessa creche argentina foi uma experiência desafiadora no início e prazerosa até o fim. Criar e fortalecer vínculos com outro país, com crianças, cuidadoras-educadoras e cozinheiras-educadoras de outras nacionalidades é algo acima de gratificante, é um banho de alma. E é um banho de alma saber que o caminho da amorosidade, do afeto, do respeito às infâncias e seus processos e de quaisquer que sejam suas origens é compensatório. É compensatório saber que apesar de tudo, as subjetividades seguem r-existindo e se fortalecendo no coletivo. Os últimos dias meus e de um amigo intercambista nessa creche foram de festa com as crianças e adultas desse espaço, e isso mostra que o caminho da esperança vale a pena ser trilhado, apesar dos desafios no começo.

A partir dessa experiência de intensa alteridade, lidando com os processos de colonialidade, pude r-existir, isso ressignificou toda a minha prática educativa e, para muito além disso, todas as minhas relações. Parecido com essa experiência tive uma na Colômbia também em 2018 - sobre a qual João (2022) escreveu - na qual também estive vivendo essa radicalidade na alteridade. Além disso, muitas trocas e visitas que tive com diversos espaços

mais locais também agiram dessa maneira em mim, se constituindo como experiências de

26

extrema relevância para a qualidade da minha formação, pois sempre depois desses encontros eu saio inspirado.

5. Somos porque estamos sendo, sou porque nós somos

Como dito anteriormente, eu não estaria redigindo este trabalho se não fosse meu encontro com a extensão, e se não fosse o meu encontro com a comunidade do projeto Semillero e as amizades que fiz participando deste projeto. E ao falar sobre comunidade me vem muito a ideia que hooks (2020) traz de que na amizade é onde podemos experimentar a alegria da comunidade, onde podemos processar nossos problemas, lidar com as nossas diferenças e conflitos enquanto nos mantemos vinculados (2020, p. 165-166). Co-criar essa comunidade, e desfrutar de sua alegria em amizade permitiu uma formação pessoal muito potente ao mesmo tempo que foi uma formação acadêmica e profissional. Nesse espaço seguro foi que pude trazer minhas dúvidas, conflitos, incompletudes e também que pude celebrar conquistas e realizações enquanto atravessava a enxurrada da universidade. E como hooks mesmo coloca, essa relação pessoal tem um desdobramento nas nossas outras relações, e aqui gostaria de enfatizar a nossa relação enquanto atuantes nos espaços de educação que fomos pela extensão e pela profissão.

Em 2018, nós do Semillero Brasil fizemos parte da criação da primeira comunidade de aprendizagem da rede de educação pública do Distrito Federal, e para tal passamos o ano de 2017 e de 2018 realizando várias formações conjuntas. Isso resultou numa convivência intensa, que fez com que eu não soubéssemos o momento exato em que nossa grande amizade surgiu. Um dos pilares do projeto Semillero é a auto-formação e a coformação, que se deram nesse recorte específico em reuniões em que colocamos nossas maiores tensões, questões, dúvidas sobre a nossa entrada nessa nova escola que tem um ideal tão transformador na rede pública de ensino. A partir disso nos aprofundamos em questões pertinentes, como por exemplo a postura do professor que pergunta, em vez de responder.³

De início nossa entrada nessa escola se deu como estagiárias de apoio às professoras titulares de cada turma. Esse momento foi de extrema importância para minha formação, pois permitiu acompanhar toda uma transição de crianças e professoras para uma escola nova, para uma rotina nova. Não existia nada parecido com esse espaço anteriormente, então era um processo de ambientação, adaptação. Estar inserido nesse processo de ambientação, num espaço

³ Falo sobre esse processo mais extenso em minha pesquisa *Cientistas da Pesada: re-existências e encantamentos educativos* (2019).

27

novo como esse, constituiu uma experiência formativa que é difícil de ser descrita em poucas palavras, por ter sido uma experiência em que a maioria das experiências eram novas, eram algo que não faziam parte de nosso imaginário até que as vivêssemos. Por mais que estudássemos essa área de atuação pedagógica, das pedagogias transformadoras, que buscam realmente mudar a forma como a escolarização vem ocorrendo, estar num espaço totalmente novo frente ao que é convencional é impactante, por levar-nos a territórios nunca antes explorados - ao menos no DF -, e disso implicam mudanças de perspectivas sobre tudo que viria a ser experienciado depois no contexto pedagógico, e também no contexto da experiência da vida. Foi a lapidação da relação entre a vida e a educação acontecendo em tempo real. Tanto é, que eram comuns as conversas que tínhamos sobre como aquelas experiências na escola não nos transformavam apenas como pedagogas em constituição, mas como pessoas em constituição. A maneira que a escola via as relações que acontecem no cotidiano escolar - desde a relação professor-aluno, à relação merendeira-aluno - afetava diretamente a maneira como víamos as nossas relações interpessoais, e até mesmo intrapessoais.

No segundo momento, entramos lá enquanto co-investigadores de projetos de investigação - idealizados no Semillero e protagonizados pelas infâncias, tendo essa ação o nome de Semillas Encantadas. Essa experiência de estar enquanto co-investigador de ciclos investigativos se deu por meio do estágio curricular do curso de Pedagogia e também enquanto extensionista do projeto Semillero. A proposta de estar em investigação de questões que surgiram de curiosidades das infâncias da escola foi desafiadora no início, justamente por deslocar onde surge a questão a ser trabalhada no contexto pedagógico. Essa não veio de currículos, de livros, ou de acontecimentos específicos, mas veio de questões que essas infâncias trouxeram. Nisso, pude entender o que Vigotski (2003) quis dizer em *Psicologia Pedagógica*, quando ele coloca que o educador exerce um papel de organizador da relação que os educandos têm com o meio social e educacional que os envolve, não sendo do educador onde parte o processo, pois a educação acontece pela experiência própria do educando com o ambiente que o envolve. Mas sendo por meio da organização do ambiente realizada pelo educador que se conduz esse processo durante essa etapa escolar, rumando a constituição da personalidade dos educandos. Essa perspectiva, aliado a rigorosidade ética e estética que Paulo Freire (2020) nos suscita, torna o ambiente pedagógico um ambiente fértil para que as potencialidades das infâncias ganhem espaço, não só na escola, mas no mundo.

Decência boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática

28

educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE, 2020, p. 34-35)

Educar nessa perspectiva é sempre estar se analisando, é sempre estar em contato com sua infância ao mesmo tempo que está lidando com outras infâncias. É sempre lembrar da rigorosidade com a conduta libertadora, e também de ter boniteza, leveza, carinho nessas relações. É um processo de não aceitar a verdade, mas sim a crítica, e de saber que está tudo bem com a incompletude, que coisa boa é não saber. No não-saber é que existe o espaço para o encantamento. É só porque a criança não sabia que ela suspira e seus olhos brilham ao fazer suas descobertas próprias. Não-saber nos desloca da nossa autoridade, gera frio na barriga, insegurança, assim como se apaixonar também o faz. E é sempre por esse assombro, por esse encantamento que a educação deve remar.

Considerações finais - Terra à vista

Se aproximando do final, não só deste trabalho, mas de toda esta trajetória enquanto graduando em Pedagogia, gostaria de enfatizar a importância de ter tido autonomia para traçar o percurso universitário.

Considero que vivi coisas extremamente diversas e que ampliaram meu leque de atuação e meu repertório enquanto pessoa e pedagogo, e muito disso se deve graças à autonomia que a UnB garante aos seus estudantes no seu caminho universitário. Sobre tudo na extensão eu tive experiências que me permitiram algo que a sala de aula universitária convencional jamais me permitiria. Pude ver uma nova escola nascer, pude conhecer um país e propostas educacionais transformadoras nele, pude conhecer diversas lideranças comunitárias e trocar com essas figuras, pude estar perto de crianças, jovens, adultos e idosos que precisam de educadores por perto, dentre muitas outras coisas.

E gostaria de destacar também duas lições que este curso tem de deixar comigo para sempre:

A primeira é sobre como cada educador que passa pela vida das pessoas deixa a sua marca, como Freire bem nos coloca (2020, p. 64). Com a sua postura, seja ela solícita, rígida, alegre, amargurada, quem educa deixa a sua marca no educando. E neste fim de ciclo eu me sinto satisfeito com a marca que eu vim deixando. Me sinto satisfeito de ter tido amigas trabalhando comigo para que deixássemos a marca da amizade e do amor, em que as crianças sentiram que podiam contar com a gente e umas com as outras. Me sinto satisfeito de ter deixado a marca do educador que olha os erros, os reconhece e que os usa não num sentido punitivo, mas num sentido de que ainda bem que temos o que aprender. Me sinto satisfeito também por ter deixado a marca de que os limites sempre vão existir e que eles podem ser tratados de uma maneira leve, mas firme. Me sinto satisfeito de ter deixado a marca do educador que está comprometido com os processos de libertação das infâncias, que está comprometido com as suas formas de se expressar, com as suas formas de construir.

A segunda é de quando minha amiga Maria Clara diz que nós estudamos tanto a infância à -quase- ignorar que todos já fomos um dia crianças (OLIVEIRA, 2021, p. 25). A Pedagogia, a educação, é um eterno reencontro com nossa criança, e seu valor se prova não em um sentido narcísico, mas na alteridade que é imprescindível para se estar nesse papel. Por ser uma criança ferida com o processo de escolarização, trilhei todo esse caminho para transformar esse processo de educação formal, que as outras infâncias terão de fazer, num processo mais leve, alegre e seguro, sabendo que ainda haverão suas dificuldades, seus desafios, e que passar por eles também nos educa. Ao pequeno Daniel, que tanto sofreu com a escola: saiba que as coisas já melhoraram, e seguirão melhorando.

Referências

- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- HOOKS, bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2. ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

MUÑOZ, Carlos Calvo. **Del mapa escolar al territorio educativo. Diseñando la escuela desde la educación**. La Serena: Universidad de La Serena, 2013.

OLIVEIRA, Maria Clara. **Parar para observar, aprender a aprender, me abrir para sentir: os encontros na vida-educação**. Orientadora Prof.a Dr.a Patrícia Pederiva. TCC - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

REZENDE, Beatriz. **Educação e Contradições: uma reflexão sobre a dualidade entre os sentires**. Orientadora Prof.a Dr.a Patrícia Lima Martins Pederiva. - Brasília, Universidade de Brasília, 2022.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; ESTEVANATO, Daniel Astuti; GOMES DE SÁ, João Vitor Barreto; ROCHA, Janaina Torres. **Semillero Brasil: experiências de formação, práticas de resistência e reconhecimento das infâncias**. In: **III Bienal Latinoamericana y Caribeña de infancias y Juventudes: Desigualdades, Desafios a las Democracias memorias y R-existencias**. Manizales, Caldas, Colombia, 2018.

RODRIGUES, Fátima Lucília Vidal; AZEVEDO, Janaína Coelho. **Semillas Freiranas na Prática Extensionista Universitária**. In: Escola de educação básica para todos: volume VII [livro eletrônico] / Organizadora Deise Nanci de Castro Mesquita. – 1. ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2021.

de SÁ, João Vitor Barreto Gomes. **borboletas, mariposas, pássaros e outros impossíveis bichos com asas: intercâmbio e investigação infantil no contexto dos Semilleros de Investigación**. Orientadora: Prof.a Dr.a Fátima Lucília Vidal Rodrigues. TCC - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. 2012.

SOUZA, Fernanda Chaves de. **Extensão: Território Educativo de Possibilidades**. Orientadora Prof.a Dr.a Patrícia Lima Martins Pederiva. - Brasília, Universidade de Brasília, 2021.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

